



Uma voz contra o racismo científico

Tese premiada mostra que Roquette-Pinto combateu teorias que buscavam legitimar suposta 'inferioridade' da população mestiça

Glauber Gonçalves



quações, dados estatísticos e tabelas alimentadas por medidas antropométricas e outras informações coletadas em incursões país adentro. Ao recorrer a esses métodos para levantar as características da população nacional e descobrir o Brasil real, o antropólogo Edgard Roquette-Pinto deu no início do século 20 umas das mais importantes contribuições para refutar teorias que tentavam legitimar um suposta "inferioridade" da população brasileira, sobretudo em razão do seu caráter mestiço. A antropologia de Roquette-Pinto foi tema da tese de doutorado de Vanderlei Sebastião de Souza, aluno do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Com o trabalho, ele venceu o terceiro Prêmio de Teses da Associação Nacional de História (Anpuh). O objetivo da pesquisa foi analisar a trajetória e a obra de Roquette-Pinto para tentar compreender como seus estudos foram articulados para pensar a construção de um "retrato antropológico" do país.

"A principal contribuição da antropologia de Roquette-Pinto foi a formulação de uma forte crítica ao determinismo racial e biológico, que durante as primeiras décadas do século passado alimentava a produção científica e intelectual, tanto no Brasil quanto no exterior", diz Souza. Na

Roquette-Pinto entre crianças indígenas do Mato Grosso, em 1912 (Fonte: Fundo Pessoal Edgard Roquette-Pinto, Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras)





época, era comum atribuir os problemas sociais, econômicos e políticos nacionais à formação da população, composta em grande escala por negros, indígenas e mestiços.

A expedição de Roquette-Pinto ao norte do Mato Grosso em 1912 revelou um Brasil desconhecido para a maior parte da população. A observação da vida indígena e sertaneja na região influenciou seu modo de conceber a identidade nacional e marcou os estudos que publicaria. Para o antropólogo, o Brasil precisava ser conhecido e nacionalizado para se transformar em uma nação “consciente do seu destino”. Isso deveria começar pelo interior, onde o sertanejo fazia o trabalho lento de integração nacional, na visão dele. Conforme aponta Souza em sua tese, Roquette-Pinto buscou provar que os chamados “problemas nacionais” nada tinham a ver com raça. No entendimento do antropólogo, as tribulações brasileiras eram resultado da falta de saneamento, saúde, educação e ao abandono em que vivia boa parte da população que habitava especialmente o interior do país.

Os estudos de Roquette-Pinto serviram como uma ferramenta política

empregada pelo antropólogo para intervir nos debates sobre a formulação de projetos de reforma da sociedade brasileira e de construção da própria nação. Souza defende que a contribuição do antropólogo nesse sentido deve ser entendida num contexto do qual participaram outros intelectuais – entre os quais destaca os integrantes do Movimento Sanitarista.

Ao lado de Arthur Ramos e Gilberto Freyre, ele foi um dos líderes do grupo que, no início dos anos 1930, lançou o *Manifesto dos intelectuais brasileiros contra o preconceito racial*. O documento rechaçava o uso da antropologia para disseminação de ideias racistas com base em conhecimentos pseudo-científicos, como a eugenia, nome dado aos estudos que propõem métodos para melhorar as características de uma espécie.

Durante a Era Vargas, o Estado incorporou o enaltecimento da identidade mestiça por parte desses intelectuais. O objetivo era produzir um discurso nacionalista, apesar de todas as contradições no modo como o governo Vargas endereçou a questão racial “Essa influência pode ser percebida nas discussões sobre controle migratório na Constitu-

inte de 1933-34, nas quais Roquette-Pinto e Freyre são acionados como autoridades científicas que condenavam a seleção de imigrantes por critério racial”, diz Souza.

O pesquisador teve acesso a fontes inéditas e pouco exploradas, que o ajudaram a desvendar o personagem tema de seu estudo. No Arquivo Pessoal de Roquette-Pinto, encontrou as principais fontes para o desenvolvimento de sua tese. O acervo disponibiliza mais de 8 mil itens, formado por uma variedade de documentos, desde correspondências pessoais, recortes de jornais, manuscritos e esboços de projetos até documentos oficiais e institucionais.

Uma das principais contribuições da tese, intitulada *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*, foi abordar o aprofundamento dos diálogos e das relações intelectuais e científicas estabelecidas pelo antropólogo, tanto com intelectuais e autoridades brasileiras, quanto com antropólogos, eugenistas, médicos e historiadores estrangeiros. “Roquette-Pinto era um cientista conectado com as discussões internacionais envolvendo os estudos sobre raça e miscigenação racial, os estudos sobre populações e o debate em torno da eugenia. Nos documentos históricos que pesquisei durante o doutorado encontrei vários elementos que demonstram a inserção do brasileiro num contexto internacional, que envolvia especialmente antropólogos, eugenistas e biólogos alemães e americanos”, conta Souza.

Para Souza, a referência que o sociólogo Gilberto Freyre faz a Roquette-Pinto no prefácio do livro *Casa grande & senzala*, de 1933, sintetiza a forma como os estudos e o pensamento do antropólogo foram relevantes no início do século 20. Além de lembrar da importância que o antropólogo americano de origem alemã Franz Boas exerceu em sua maneira de diferenciar raça de cultura, Freyre revelou que a antropologia de Roquette-Pinto foi fundamental para mudar sua percepção sobre o significado da miscigenação racial na formação do Brasil. ✳